

Quando o Pequeno Ajuda o Grande

FIDEL FALA A «PLAYBOY» — VI

RUBEM BRAGA

EM sua entrevista à «Playboy», Fidel Castro fala sobre agricultura e pecuária:

— «Situada em uma zona semitropical, Cuba oferece condições excepcionais para certas culturas. Não há, por exemplo, em minha opinião, outro país do mundo que tenha as mesmas condições naturais para o cultivo da cana-de-açúcar. Possuímos também condições excepcionais para a criação. Podemos utilizar as pastagens durante todo o ano, e acredito que a nossa produtividade por hectare de leite e carne, pode ser o dobro da de qualquer país industrializado da Europa. Acresce que as frutas tropicais têm uma procura cada vez maior no mundo. Também temos boas condições para cultivar hortaliças de inverno, fibras e madeiras preciosas, incluindo algumas que só se encontram em nosso território. Com esses recursos naturais, com um investimento relativamente pequeno em maquinaria agrícola, sementes, fertilizantes e inseticidas, e com o trabalho do povo, temos condições para recobrar dentro de um prazo muito pequeno, as quantias investidas, e obter consideráveis sobras para a exportação.

É claro que essas possibilidades já existiam antes da Revolução. Que faltava então? Mercados. Tanto mercado interno como externo. Quase todo o nosso comércio era com os Estados Unidos. Em certo sentido, isso tinha uma base natural — isto é, era uma troca de produtos que Cuba produzia facilmente e de que os Estados Unidos careciam, e produtos que os Estados Unidos produziam e Cuba necessitava. Isso foi, porém, deformado por uma série de tarifas privilegiadas para as mercadorias americanas que os Estados Unidos impuseram à Cuba. Assim, os produtos americanos adquiriram uma grande vantagem sobre o de outros países. Tínhamos, naturalmente, um pouco de comércio com o resto do mundo; mas, naquelas circunstâncias, esse comércio ficava muito aquém de seu potencial verdadeiro, o que causou a completa estagnação de nosso desenvolvimento econômico.

Nos últimos 30 anos anteriores ao triunfo da Revolução, a população de Cuba dobrou; entretanto, em 1956, cerca de 7.000.000 de pessoas viviam da renda de exportações de açúcar, praticamente iguais às que fazíamos quando éramos apenas 3.500.000 habitantes. O desemprego era imenso.

As empresas norte-americanas estabelecidas aqui, mandavam anualmente para os Estados Unidos, de lucros, mais de 100 milhões de dólares do que o que recebemos durante os últimos 10 anos antes da Revolução. Assim, o pequeno país subdesenvolvido, ajudava o grande país industrializado.

Se você chegasse a Havana naquele tempo, veria uma cidade cheia de negócios prósperos, anúncios em neon, automóveis novos. Isso, naturalmente, dava uma impressão de certa prosperidade; mas o que na realidade significava, era que estávamos gastando os pequenos recursos que nos eram deixados para suportar uma vida elegante para uma pequena minoria da população. Essa imagem de prosperidade não existia no interior do país, onde a vasta maioria do povo não tinha água corrente, esgotos, estradas, hospitais, escolas e transporte, e centenas de milhares de trabalhadores da cana-de-açúcar só trabalhavam três a quatro meses por ano, e viviam nas mais horríveis condições sociais imagináveis. A situação era paradoxal: os que produziam a riqueza, eram precisamente os últimos a se beneficiar dela. E os que consumiam a riqueza, não viviam no campo e levavam uma vida ociosa. Tínhamos uma classe rica, mas não um país rico».

Em outra crônica procurarei acabar essa série de traduções de trechos da entrevista de Fidel.